

Palhafasia

Lenisa Brandão: Fonoaudiologia – UFRGS

Acadêmicas do Curso de Fonoaudiologia: Camila Grigol e Jordana Balbinot

Este artigo visa relatar a experiência do grupo Palhafasia, que acolhe afásicos e não afásicos (fonoaudiólogos, estagiários e atores colaboradores) no Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde. Inicialmente, o texto expõe uma breve definição das afasias, em seguida aborda a mudança de paradigma na reabilitação de afásicos. Por fim, é feita uma breve revisão sobre o teatro como forma de expressão para afásicos, sobre o estado, a linguagem e o papel social do *clown* e, por fim, a experiência do grupo Palhafasia é relatada.

O que é a afasia?

A afasia é um distúrbio de linguagem causado por dano neurológico adquirido em áreas do cérebro que são importantes para os processos de compreensão e ou expressão da linguagem. Os afásicos sofrem prejuízos relacionados à sua qualidade de vida, sendo considerável o número de afásicos que apresenta dificuldades para a reintegração em atividades na comunidade (MAYO; WOOD-DAUPHNEE; CÔTE; DURCAN; CARLTON, 2002). Além das dificuldades relacionadas à linguagem, nas últimas décadas, os estudos sobre as manifestações afásicas também demonstram que é imprescindível considerar as possíveis alterações de mecanismos cognitivos extralinguísticos como atenção, funções executivas e memória, que também podem afetar a comunicação do afásico (BONINI, 2010).

O uso do teatro como meio de expressão do afásico é bastante recente na literatura científica, observando-se relatos de grupos de teatro afásico no cenário nacional e internacional. Um dos grupos pioneiros nessa modalidade é a companhia

de Teatro Afásico de Quebec, formado por atores e fonoaudiólogos que vêm acumulando evidências sobre a eficácia do teatro afásico como intervenção. A partir dessas evidências, o grupo ESPACE, da Universidade de Montreal, desenvolve atualmente um estudo para confirmar a validade desse método (CÔTE; GETTY; GAULIN, 2011).

Nos Estados Unidos, o grupo liderado pela fonoaudióloga e pesquisadora Leora Cherney vem apresentando dados preliminares de suas pesquisas sobre o teatro afásico (CHERNEY; OEHRING; WHIPPLE; RUBENSTEIN, 2010; CHERNEY; OEHRING; WHIPPLE; RUBENSTEIN, 2011). No Brasil, a proposta canadense inspirou a criação do grupo Afasia em Cena. Teatro de Afásicos, coordenado pela fonoaudióloga Fernanda Papaterra Limongi, desde 2002. A partir de 2004, o grupo foi institucionalizado sob o nome “Ser em Cena”, tornando-se uma organização não governamental sem fins lucrativos que reúne uma equipe de fonoaudiólogos, psicólogos e atores atuando junto com afásicos (Ser em cena, 2013). Para além da proposta de criação e execução de peças de grupos de teatro afásico, o estudo acadêmico de uma experiência de teatro afásico no Brasil foi ricamente relatado sob a perspectiva do ator no livro de Tonezzi (2007).

O estado *clownesco* é um estado de abertura e atenção para diferentes possibilidades de ser, agir e comunicar, onde se aprende a lidar com a instabilidade e o risco de se expor, a encarar o erro como natural e permitir a espontaneidade na interação. Nesse sentido, uma iniciação *clown* envolve uma série de vivências e jogos que representam um desafio para o confronto com a própria humanidade (PILCHOWSKI, 2008).



Figura 1: Oficina com a atriz Luana

O uso da linguagem *clownesca* coloca todos os participantes em igual posição, em que há um estado de abertura para a troca e empatia com o parceiro de cena. A linguagem do *clown* é multimodal; a expressão não verbal está bastante presente, mas isso não necessariamente exclui a linguagem verbal. O *clown* é livre para expressar-se à sua maneira, pode trocar palavras, omitir sílabas ou surpreender com novas formas de pronunciar. Pode ainda emitir grunhidos e sons não verbais. O jogo comunicativo do *clown* usa o olhar, a expressão facial e o gesto para revelar emoções e pensamentos, buscando sempre a cumplicidade com o público. As experiências variadas de improviso de situações comunicativas permitem o surgimento de parcerias interessantes entre os membros de um grupo que se inicia na linguagem *clown*. O estado e a linguagem *clown* oferecem um trabalho amplo e profundo com foco na comunicação e na interação social, o que envolve o corpo todo e demanda também o uso de habilidades cognitivas como a atenção, a tomada de decisão, a flexibilidade e a memória de trabalho.

A figura do *clown* também pode oportunizar a crítica social ao denunciar preconceitos e tocar em questões delicadas. Ele não aceita rótulos de qualquer tipo e acaba conquistando a plateia por sua autenticidade. Como afirma Burnier (2001), o *clown* “sugere a falta de compromisso com qualquer estilo de vida, ideal ou institucional (...)



Figura 2: Apresentação no Teatro de Arena | Foto: Dulce Azevedo

seu descomprometimento e aparente ingenuidade lhe dão o poder de zombar de tudo e de todos impunemente”.

O projeto Palhafasia

A ideia do projeto *Palhafasia* surgiu em 2012, pela motivação de uma parte do grupo de afásicos em terapia no núcleo de Reabilitação em Linguagem e Cognição (RELINC/CIPAS). A partir da vontade dos afásicos em fazer teatro e das experiências teatrais prévias da coordenadora, a mesma encontrou na abordagem *clown* o método que favorece em todos os âmbitos o trabalho que se realiza com o grupo de afásicos. Em fevereiro de 2013, ela realizou iniciação no Teatro Barracão, em Campinas (SP), com a atriz e diretora teatral Adelvane Néia, que teve sua formação no grupo Lume, da UNICAMP, pioneiro em pesquisa teatral no Brasil. A iniciação *clown* provoca a posterior participação no encontro de palhaças “Qual é a sua graça, palhaça?”, coordenado por Adelvane.

A seguir, participou de diferentes vivências *clown* coordenadas por atores de Porto Alegre, Adriano Basegio e Melissa Dornelles. Posteriormente participou do curso “O caminho do *clown*”, de Alain Vigneau, ator e diretor da Companhia de Teatro *La Stravagante* (França/Espanha) e

Professor de *Clownterapia* no curso de Arteterapia da AEC (Barcelona, Espanha). Paralelamente, os planos de criar o grupo *clown* com os afásicos vão concretizando-se pela parceria com a atriz Luana Michellotti (formação em *clown* na École Philippe Gaulier, França). Forma-se o grupo de afásicos, terapeutas e estagiários interessados em teatro. Desde o início, o grupo é composto por um número de participantes afásicos que varia entre seis e dez integrantes, com idades entre 40 e 65 anos. Há um número maior de participantes com afasia predominantemente expressiva, a maioria decorrente de acidente vascular encefálico (AVE). O grupo se mostra heterogêneo quanto a diferentes aspectos, como o nível socioeconômico, a escolaridade, a realização ou não de terapia fonoaudiológica prévia ao ingresso no grupo, o tempo de lesão neurológica e a gravidade das dificuldades motoras presentes. A equipe de terapeutas é constituída por duas Fonoaudiólogas e duas alunas de Fonoaudiologia.

Em julho de 2013, a atriz Luana Michellotti ofereceu uma oficina de iniciação de 15 horas para o grupo. Essa oficina marcou o registro do projeto Palhafasia no portal da UFRGS e a partir daí realizam-se encontros semanais com os iniciados. A atriz Luana retorna periodicamente

para visitas ao grupo e realizou outra oficina em dezembro de 2013. A experiência mostra-se rica, e os afásicos desenvolvem um trabalho de entrega e grande entusiasmo pelos encontros.

Em janeiro de 2014, o Palhafasia apresentou a primeira mostra de seu trabalho no Teatro de Arena com direção de Luana Michellotti. O Teatro de Arena se faz parceiro do grupo, oferecendo suas instalações para ensaios e apresentações. Recentemente as estagiárias do grupo Camila Grigol e Jordana Balbinot realizaram a oficina “O *clown* encontra o mundo”, com Laurence Marafante Brancão, “*Clownóloga*” que participou do grupo *Caravane Théâtré*, da França, nos anos de 2000 a 2010, desenvolvendo o trabalho do *Clowning* – uma composição do Teatro do Oprimido usando a técnica do *clown* como ator social. Camila e Jordana participam ativamente na promoção dos encontros e na criação de propostas de trabalho para o Palhafasia. A cada encontro, os afásicos mergulham no mundo dos palhaços e desenvolvem sua própria forma de expressão. Atualmente, o grupo concentra-se no aprofundamento da descoberta de cada *clown* e na vivência de improvisações, que mais tarde gerarão uma nova mostra no Teatro Arena. ◀

Referências

- BONINI, M. V. Relação entre alterações de linguagem e déficits cognitivos não linguísticos em indivíduos afásicos após acidente vascular encefálico. Mestrado. São Paulo, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2010.
- BURNIER, L.O. A arte de ator: da técnica à representação. Campinas: Editora da Unicamp, FAPESP, 2002.
- CHERNEY, L. R.; OEHRING, A. K.; WHIPPLE, K.; & RUBENSTEIN, T. “Waiting on the Words”: procedures and outcomes of a drama class for individuals with aphasia. *Seminars in Speech and Lang*, 32, p. 229-242, 2011.
- CHERNEY, L.; OEHRING, A.; WHIPPLE, K. & RUBENSTEIN, T. Patient-reported outcomes following a drama class for individuals with chronic aphasia. In *Clinical Aphasiology Conference: Isle of Palms, SC*, 2010.
- CÔTÉ, I.; GETTY, L. & GAULIN, R. Aphasic theatre or theatre boosting self-esteem. *International Journal on Disability and Human Development*, 10(1), 11–15, 2011.
- SER EM CENA. Acesso, em abril de 2013, na página web: http://www.seremcena.org.br/ser_em_cena.shtml.
- PILCHOWSKI, A. C. O papel da interatividade/crise na comunicação e criação em sistemas complexos – a ótica do clown. Mestrado em Comunicação e Semiótica. São Paulo, PUC-SP, 2008.
- TONEZZI, J. Distúrbios de linguagem e teatro: o afásico em cena. São Paulo: Plexus Editora, 2007.